

## cotidiano



Barcos ancorados em Breves, no Arquipélago do Marajó, no Pará; eles são usados para transporte escolar e pegam alunos durante a madrugada. César Colares/TCM-PA

## Em região do Pará, aluno tem que pegar barco no escuro

Estrutura precária de ensino junta séries e oferece merenda enlatada

### VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

**SÃO PAULO** Ainda de madrugada, um barco inicia sua jornada em comunidades ribeirinhas do Arquipélago do Marajó, no Pará, para buscar alunos de escolas municipais. Nesse vai e vem, logo o transporte escolar fluvial fica superlotado, num trajeto que pode levar até três horas.

Quando chegam ao colégio, exaustos e famintos, os estudantes consomem enlatados na merenda. A infraestrutura, a maioria de madeira, não traz o acanhado necessário a concentração nas aulas.

Essa foi a realidade encontrada por funcionários do TCM-PA (Tribunal de Contas dos Municípios do Estado

do Pará) em visita a 136 unidades educacionais rurais e urbanas da região marajoara, que abriga 17 cidades. A ação foi entre o segundo semestre de 2021 e o primeiro deste ano. O arquipélago tem 1.255 escolas municipais no total.

Segundo relatório do tribunal, o cenário de extrema pobreza e a logística complexa resultaram na queda da qualidade de ensino. O índice de analfabetismo aumentou na pandemia, atingindo em cheio a uma geração de alunos.

Há, ainda, jovens de séries e idades distintas na mesma classe. Um exemplo recente: numa única sala há alunos do 1º, 2º, 3º e 4º anos. Isso é mais comum em escolas mais isoladas, com poucos alunos.

O documento mostra que alunos do 4º ano, por exem-

plu, não conseguem escrever frases inteiras ou palavras completas quando submetidos a um ditado. Eles estão num vácuo educacional, já que a última vez em que estiveram na escola foi dois anos antes, quando estavam no 2º ano e a pandemia teve início, diz César Colares, conselheiro relator das contas dos municípios do Marajó e coordenador do projeto do TCM-PA.

Para ele, que visitou a maioria dessas 136 escolas, a pandemia potencializou um problema que já era crônico na região. Em alguns colégios o professor é o único funcionário. "Além de dar aula, ele faz merenda e limpa o local. Ou seja, não se dedica integralmente à educação porque precisa compensar a falta de outras funções essenciais", diz Colares.



Além de dar aula, ele [professor] faz merenda e limpa o local. Ou seja, não se dedica integralmente à educação porque precisa compensar a falta de outras funções essenciais

**César Colares**

Conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Pará

Outro problema é o consumo constante de merenda enlatada, como macarrão, arroz, feijão e mingau, por falta de energia elétrica. "Imagina o ânimo dos alunos que enfrentam uma maratona de barco, chegam na escola e não têm alimentação adequada. Para a maioria deles, aquela é a principal refeição do dia". Alimentos como carne e frango são disponibilizados nas sedes dos municípios, mas não chegam ali pela dificuldade do transporte, que pode levar 20 horas de barco, e por falta de local refrigerado.

Colares cita ainda que há escolas de madeira em situação precária, sem água e saneamento básico. "Conhecemos os banheiros amazônicos, onde as necessidades são levadas direto para os rios".

Ele destaca ainda situações como ônibus escolares precários, obras de escolas e creches abandonadas há anos e a evasão escolar, em especial de jovens grávidas. Algumas se afastam para cuidar do bebê e não voltam. Outras assistem às aulas como os filhos no colo.

Diretor de um núcleo educacional na região rural de Bagre, o professor de matemática Edem Castor Pereira, 33,

diz que os educadores "não poderiam baixar a cabeça e nem perder as esperanças".

Em uma região onde a internet não é uma realidade, Pereira afirma que na pandemia os docentes levavam os deveres dos alunos até suas casas e buscavam após 15 dias. "Eles corrigiam e davam nota".

No retorno às aulas presenciais este ano, os professores pensaram mecanismos para recuperar o tempo perdido. "Aulas de reforço domiciliar, trabalhos extraclasse e busca ativa. Nossos professores são guerreiros, verdadeiros exemplos", diz Pereira.

Colares cita outro problema: o salário dos professores. Segundo ele, muitos municípios pagam o piso salarial para concursados. Mas parte dos contratos de temporários, ele diz, tem remuneração inferior ao piso nacional.

Segundo Mara Lúcia Barbalho da Cruz, presidente do TCM-PA, o projeto-piloto tem a intenção de fazer diagnóstico nas escolas em situação crítica para propor soluções. O arquipélago foi escolhido porque parte de suas cidades está entre as piores do país no IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) e na avaliação do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

"Esses índices são alarmantes. Ultrapassamos os muros do tribunal para entender essa realidade. Estamos na fase de pensar soluções", diz Mara.

A gestão escolar, em geral, é um tema pouco trabalhado na organização escolar, sobretudo a qualificação do gestor, afirma Eduardo Grin, professor do Departamento de Gestão Pública da FGV (Fundação Getúlio Vargas) de São Paulo.

Ele explica que, geralmente, a questão não é falta de dinheiro, e sim má administração dos recursos destinados à educação, como os 25% do orçamento do município e a verba do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica).

"As escolas fazem pouca gestão dos resultados educacionais. Um professor assume o cargo, mas não é gestor. Geralmente, assume a função sem ter feito uma especialização".

Boa parte do orçamento vai para a folha de pagamento. O que é usado na manutenção nas escolas às vezes não é suficiente, especialmente em cidades mais pobres.

Para propor soluções realistas, foi criado o Gabinete de Articulação para Efetividade da Política de Educação no Arquipélago do Marajó, afirma o conselheiro César Miola, presidente da Atricon (associação dos tribunais de contas).

"É possível agir fiscalizando, mas também analisando os resultados para que essas situações sejam superadas".

Procurado pela reportagem, o MEC (Ministério da Educação) não comentou.

## MORTES

coluna.obituário@grupofolha.com.br

### Fã de miojo com leite, foi avó, mãe e melhor amiga dos netos

SOFIA HORBATOW GREGORIO (1935-2022)

Patrícia Pasquini

**SÃO PAULO** Sofia Horbatow Gregorio tinha personalidade forte e carregava o modo imperativo na fala, mas seu grande coração abrigava a família, os amigos e todos aqueles que necessitassem de amparo.

"Passei por um término de relacionamento e tive que morar sozinho. Foi ela quem me esticou a mão para ajudar. As pessoas pouco chegavam nela para pedir ajuda, ela era proativa e se prontificava. Ela soube ser aquela pessoa que acalenta as dores", conta o relacionamento com Sofia Horbatow, 32, um dos netos.

Marcaram sua vida as boas

palavras, o talento para a escrita e a culinária, a doçura e a generosidade.

Sofia era a terceira de cinco filhos de dois imigrantes que fugiram da guerra — a mãe deixava a Polónia, e o pai, a Ucrânia.

Natural de Curitiba, no Paraná, passou a maior parte da vida na Vila Maria, zona norte de São Paulo. Para trabalhar antes de atingir a maioridade, seu pai a registrou como se tivesse nascido dois anos antes, em 1933.

Sofia se casou com menos de 20 anos e teve três filhos. Antes passou por diversas gestações que não vingaram. Ela perdeu oito bebês. Aos 30, perdeu o marido, que teve um

aneurisma cerebral.

A primeira profissão oficial foi com cartongem. Sofia atuou no universo das tecelagens e se aposentou como tecelã.

O talento no campo da escrita podia ser observado diariamente nas folhas das agendas anuais que ela redigia ouvindo Gil Gomes ou os contos bíblicos narrados por Cid Moreira.

A corrida de São Silvestre, no último dia do ano, era um evento à parte dentro do apartamento onde morava na avenida São João, no centro paulistano. Ela recebia a família para todos acompanharem a corrida e fazia chuva de papel picado para celebrar os maratonistas.

Excelente cozinheira, Sofia fazia uma massa frita semelhante ao bolinho de chuva. A guloseima é famosa na família até os dias atuais.

A galinhada era o prato dos domingos. A canja com arroz esquentava as noites frias. A

combinação miojo com leite tornou-se uma paixão.

Ao temperar a vida, Sofia experimentava pitadas de irreverência.

Dolly, do refrigerante, deu nome à gata que foi sua companheira por quase 20 anos.

Sofia morreu dia 24 de junho, aos 87 anos, após sofrer uma parada cardíores-

piratória. Deixa três filhos e três netos.

"Mãe, irmã e amiga generosa, ela foi sustentadora, base e furacão na vida dos seus. Avó amada e presente, acompanhava não só a infância, mas a adolescência e a fase adulta de seus três netos muito de perto. Foi avó-mãe-melhor amiga de todos nós", ressalta Tiago.

Procurar o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-0000. Seg. a sex.: 12h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 10h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para chegarem das informações.



A família de

**Paulo Guilherme Aguiar Cunha**

agradece as manifestações de pesar e carinho recebidas e convida demais familiares e amigos para uma missa de 7º dia, que será celebrada dia 13/07, quarta-feira, às 11:00, na Igreja São José, localizada na Rua Dinamarca, 32, Jardins, São Paulo.